

György Lukács

prolegômenos para uma ontologia do ser social

questões de princípios para uma
ontologia hoje tornada possível

Supervisão editorial
Ester Vaisman

Tradução
Lya Luft e Rodnei Nascimento

Revisão técnica
Ronaldo Vielmi Fortes

Prefácio e notas
Ester Vaisman e Ronaldo Vielmi Fortes

Posfácio
Nicolas Tertulian

BOITEMPO
EDITORIAL

Sobre *Prolegômenos para uma ontologia do ser social*

José Paulo Netto

Em 1963, ao publicar a primeira parte da sua monumental *Estética*, György Lukács (1885-1971) explicitou o projeto de escrever uma *Ética*, sintetizando os principais resultados da sua longa trajetória filosófica.

Esse último projeto do Lukács octogenário poderia sinalizar a pretensão de concluir a sua obra lavrando as mesmas searas teóricas em que a iniciara, ainda antes de 1910 e de sua adesão ao comunismo: a *Estética* e a *Ética*. Lukács, contudo, foi compelido a tal projeto pela urgência de contribuir para um renascimento do marxismo, que a era stalinista convertera em doutrina dogmática. E a formulação de uma *Ética* – histórica e sistemática, radicalmente humanista, capaz de ultrapassar o pragmatismo manipulador dos neopositivismos dominantes (inclusive nas ideologias stalinistas) e a problemática equívoca das contestações existencialistas – pareceu-lhe a melhor alternativa para resgatar as dimensões essenciais da teoria marxiana.

No desenvolvimento da sua reflexão ética, Lukács logo verificou que havia de fundá-la na *especificidade do ser social*. Viu-se, pois, submetido à necessidade de uma elaboração prévia: a determinação histórico-concreta do modo de ser e de reproduzir-se do ser social, obrigatória “introdução” à sua *Ética*.

Lukács não escreveu a *Ética* (nem as duas partes conclusivas da sua *Estética*): a “introdução”, um densíssimo original, ganhou o estatuto de obra autônoma, foi concluída em 1969 e publicada postumamente: *Para uma ontologia do ser social* – conhecida em geral como *Grande ontologia*. Insatisfeito com o resultado formal a que chegara, Lukács imediatamente retomou o trabalho e redigiu, num esforço derradeiro, prejudicado pelo câncer que o acometera, os *Prolegômenos para uma ontologia do ser social: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível* – depois conhecidos como *Pequena ontologia*, também publicados postumamente.

É precisamente este texto, a *Pequena ontologia*, último trabalho filosófico de Lukács e peça essencial para o renascimento do marxismo, que agora a Boitempo publica em língua portuguesa. Nele, são irrelevantes as imperfeições (argumentos reiterativos, inconclusos etc.) devidas às condições em que foi redigido. No resgate inovador de Marx, sobreleva, aqui, a grandeza do pensador que, com razão, alguns consideram o maior filósofo marxista do século XX.

Copyright desta tradução © Boitempo Editorial, 2010
Tradução do original alemão *Prolegomena zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins*, parte I
(Darmstadt, Luchterhand, 1984), *Werke*, v. 13

Coordenação editorial

Ivana Jinkings

Editora-assistente

Bibiana Leme

Supervisão editorial

Ester Vaisman

Tradução

Lya Luft e Rodnei Nascimento

Revisão da tradução

Ronaldo Vielmi Fortes (técnica) e Nélcio Schneider

Preparação

Tulio Kawata

Assistência editorial

Ana Lotufo, Elisa Andrade Buzzo e Gustavo Assano

Revisão

Pedro Paulo da Silva e Vivian Miwa Matsushita

Diagramação

Antonio Kehl

Capa

Entrelinha Design

(capa: György Lukács em 1917; quarta capa: György Lukács,
no fim dos anos 1960, foto de Édit Molnár)

Produção

Paula Pires

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L977p

Lukács, György, 1885-1971

Prolegômenos para uma ontologia do ser social : questões de princípios para uma
ontologia hoje tornada possível / György Lukács ; tradução de Lya Luft e Rodnei Nascimento ;
supervisão editorial de Ester Vaisman. - São Paulo : Boitempo, 2010.

il.

Tradução de: *Prolegomena zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins*

Inclui bibliografia e índice

ISBN 978-85-7559-116-1 / e-ISBN 978-85-7559-303-5

1. Ontologia. 2. Filosofia marxista. I. Luft, Lya, 1938-. II. Nascimento, Rodnei. III.
Vaisman, Ester. IV. Título.

10-0765.

CDU: 111

23.02.10 26.02.10

CDD: 111

017718

É vedada, nos termos da lei, a reprodução de qualquer
parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

Este livro atende às normas do novo acordo ortográfico.

1ª edição: outubro de 2010



BOITEMPO EDITORIAL
Jinkings Editores Associados Ltda.
Rua Pereira Leite, 373
05442-000 São Paulo SP
Tel./fax: (11) 3875-7250 / 3872-6869
editor@boitempoeditorial.com.br
www.boitempoeditorial.com.br

Sumário

Apresentação	9
<i>Ester Vaisman e Ronaldo Vielmi Fortes</i>	
Parte 1	33
Parte 2	75
Parte 3	127
Posfácio	383
<i>Nicolas Tertulian</i>	
Índice onomástico	403
Referências bibliográficas	413
Obras do autor	415

NOTA DA EDIÇÃO ELETRÔNICA

Para aprimorar a experiência da leitura digital, optamos por extrair desta versão eletrônica as páginas em branco que intercalavam os capítulos, índices etc. na versão impressa do livro. Por esse motivo, é possível que o leitor perceba saltos na numeração das páginas. O conteúdo original do livro se mantém integralmente reproduzido.

NOTA DA EDITORA

A publicação deste livro marca o início de um ambicioso projeto da Boitempo: traduzir as obras de György Lukács diretamente do alemão para o português. Seguindo as mesmas diretrizes adotadas nos livros da coleção Marx-Engels – contando com o auxílio de especialistas renomados e sempre com base nos textos originais –, a editora inaugura com este volume a série dedicada ao legado lukacsiano, com a intenção de disponibilizar aos leitores seus livros mais importantes.

A tradução dos *Prolegômenos para uma ontologia do ser social* passou por um processo cuidadoso de revisão técnica coordenado por Ester Vaisman, professora do departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais, e de revisão da tradução, a cargo de Ronaldo Vielmi Fortes (técnica) e Nélio Schneider. Colaboraram também Leonardo Gomes de Deus, Mônica Hallak Martins da Costa e Rainer Câmara Patriota.

Também de autoria de Ester Vaisman e Ronaldo Vielmi Fortes são o “Prefácio” e as notas de rodapé explicativas ao leitor brasileiro, sinalizadas com asteriscos (as notas de rodapé numeradas são de autoria do próprio Lukács). A edição apresenta ainda um posfácio de Nicolas Tertulian, um índice onomástico e uma relação das obras publicadas pelo autor.

No intuito de respeitar o texto de Lukács, atentando para o fato de tratar-se de um manuscrito, mantivemos as notas de rodapé do autor exatamente como se encontram na edição alemã (*Prolegomena zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins*, Darmstadt, Luchterhand, 1984), motivo pelo qual muitas vezes as referências bibliográficas encontram-se resumidas. Para auxiliar o leitor a localizar as obras mencionadas, incluímos ao final do livro, em “Referências bibliográficas”, uma versão o mais completa possível dessas indicações – por tratar-se de obras às vezes muito antigas, nem sempre nos foi possível descobrir seus dados completos.

Por fim, destacamos que, apesar de ser bastante comum no Brasil adotar a grafia “Georg” para o primeiro nome de Lukács (em consonância com as edições alemãs), optamos por mantê-lo aqui conforme sua grafia original em húngaro: “György”.

Esperamos que o leitor tenha tanto prazer ao ler este volume quanto tivemos, todos os envolvidos, em editá-lo.

Apresentação

Para uma ontologia do ser social e Prolegômenos foram publicados pela primeira vez na Alemanha em 1984. A editora Luchterhand integrou os dois livros à coleção de obras completas de György Lukács, lançada em dois volumes e editada por Frank Benseler. No Brasil, cinco anos antes, Carlos Nelson Coutinho traduzira e publicara pela Livraria e Editora Ciências Humanas de São Paulo os capítulos “A falsa e a verdadeira ontologia de Hegel” e “Os princípios ontológicos fundamentais de Marx” a partir do manuscrito em alemão, valendo-se também da tradução italiana de Alberto Scarponi e da versão inglesa de David Fernbach. Embora o original tenha vindo a público apenas em 1984, a tradução italiana do primeiro volume, contendo a introdução, os capítulos críticos dirigidos ao neopositivismo, ao existencialismo e a Nicolai Hartmann, além dos capítulos supracitados dedicados a Hegel e a Marx, data de 1976. Tal antecipação cronológica só foi possível porque Scarponi, assim como Coutinho, tiveram acesso aos manuscritos que estavam sob a guarda de Ferenc Bródy e Gábor Révai. Em maio de 1981, a editora Riuniti publicou os volumes II* e II** (os asteriscos fazem parte da nomenclatura adotada pela editora), também traduzidos por Scarponi. No primeiro, foram reunidos os capítulos sobre o trabalho e a reprodução; no segundo, os capítulos “O momento ideal e a ideologia” e “O estranhamento”. O mesmo ocorreu com a edição inglesa da Merlin Press, embora, até o momento, a editora só tenha publicado os capítulos sobre Marx, Hegel e o trabalho (lançados em 1978). Em relação aos *Prolegômenos*, a situação é um pouco diferente:

não constam da edição da Riuniti. Em 1990, foram publicados na Itália em volume separado (353 páginas) pela Guerini e Associati, com tradução de Scarponi e apresentação de Nicolas Tertulian. E, em 2009, pelas Éditions Delga (Paris), com tradução de Aymeric Monville e revisão de Didier Renault.

De A alma e as formas a História e consciência de classe

Não é o caso aqui de retomar em detalhe a extensa e sinuosa trajetória intelectual do autor. É importante indicar ao leitor, desde logo, que

Lukács pode ser considerado um dos pensadores mais marcantes da cultura marxista contemporânea. Tal avaliação, diga-se de passagem, não é fruto apenas de seus intérpretes, que de um modo ou de outro vieram a se alinhar em torno da obra do pensador húngaro, mas também de seus adversários.¹

Valendo-nos do testemunho de Tertulian, podemos dizer que “a evolução intelectual de György Lukács oferece uma imagem singular da formação e do devir de uma personalidade nas condições agitadas de um século não menos singular, por sua complexidade e pelo caráter dramático de sua história”².

É difícil determinar em poucas linhas o cerne teórico de Lukács – antes e depois de sua adesão ao marxismo –, pois ele “passou por experiências espirituais as mais variadas e heterogêneas”³; por isso, desenvolveu-se grande polêmica em torno das continuidades e das descontinuidades de seu pensamento. Não é o caso de nos delongarmos sobre esse importante tema, mas não poderíamos deixar de fazer referência à controvertida tese “daqueles que consideram o ‘verdadeiro Lukács’ aquele das obras de juventude e que a fase de maturidade de sua obra, isto é, a fase rigorosamente marxista, constituiria uma involução evidente”⁴.

A compreensão da trajetória de Lukács se torna ainda mais difícil por uma característica de seu itinerário intelectual e biográfico: as “autocríticas”. E isso nos leva a um debate fecundo:

¹ Ester Vaisman, “O ‘jovem’ Lukács: trágico, utópico e romântico?”, *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 46, n. 112, 2005, p. 294.

² Nicolas Tertulian, “L'évolution de la pensée de Georg Lukács”, *L'Homme et la Société*, Paris, n. 20, abr.-jun. 1971, p. 15.

³ Idem.

⁴ Idem.

Que outro pensador contemporâneo foi capaz de renunciar crítica e deliberadamente, como ele fez por diversas vezes, ao prestígio de obras consagradas? Renúncia que chegou ao total divórcio delas, a ponto mesmo de manifestar completa desidentidade autoral por textos que teriam feito, cada um *per se*, a inconfessa e sempre almejada glória de carreira de qualquer um, inclusive dos melhores e mais respeitáveis.

Esse desaparego, sinônimo de enorme exigência para consigo mesmo, que nunca declinou em arrogância ou pedantismo, nem em autoproclamações de méritos ou em bravatas de autossuficiência, em que pese a imensa solidão teórica a que esteve constrangido seu trabalho.⁵

Lukács nasceu em 1885, no bairro de Leopoldstadt, em Budapeste⁶. Seu primeiro livro – *História da evolução do drama moderno* – foi publicado em 1909 e, à época, recebeu um prêmio literário. Nesse texto, de plena juventude, ele buscava:

uma forma de interpretação das manifestações literárias que não fosse uma mera abstração de seus conteúdos peculiares. Onde, na contraposição teórica em que se encontrava e sob a aderência ao neokantismo, não ter ido além, naquela época, da equação armada em *História da evolução do drama moderno*: a da pura síntese intelectual entre sociologia e estética, sob amparo e sustentação do pensamento de Simmel. Em lugar de partir “das relações diretas e reais entre a sociedade e a literatura”, como dirá no “Prefácio” a *Arte e sociedade*, onde afirma também que “não pode surpreender que de uma postura tão artificiosa tenham derivado

⁵ Ester Vaisman, “O ‘jovem’ Lukács: trágico, utópico e romântico?”, cit., p. 294.

⁶ Para mais detalhes sobre a biografia de Lukács, conferir uma entrevista que ele concedeu a István Eörsi e Erzsébet Vezér. Eörsi, em uma nota inicial, esclarece o leitor: “Quando György Lukács foi informado de sua doença fatal, empreendeu esforços extraordinários para poder concluir rapidamente as correções de sua obra *Para uma ontologia do ser social*. O rápido agravamento de seu estado o impediu, no entanto, de executar esse trabalho tão importante para ele, com a intensidade a que estava acostumado. Nessa época, ele se pôs a escrever o esboço sobre sua vida, em parte devido ao menor desgaste teórico, em parte para, assim, satisfazer um desejo de sua falecida mulher. Depois que terminou o esboço, ficou claro que não teria forças para redigir. A própria atividade de escrever mostrou-se tarefa que ultrapassava cada vez mais suas forças físicas. Entretanto, como não suportaria viver sem trabalhar, seguiu o conselho de seus alunos mais íntimos e contou sua vida em conversas gravadas ao responder, em crescente decadência física, às perguntas que, baseadas no seu esboço biográfico, Erzsébet Vezér e eu lhe fazíamos”, em *Pensamento vivido: autobiografia em forma de diálogo* (Santo André/Viçosa, Estudos e Edições Ad Hominem/Editora UFV, 1999), p. 25. Edição traduzida diretamente do original alemão *Gelebtes Denken – Ein Autobiographie im Dialog* (Frankfurt, Suhrkamp, 1981).

construções abstratas”, sempre insatisfatórias, até mesmo quando atinam com alguma determinação verdadeira.⁷

Com a publicação de *A alma e as formas*, em 1911, o filósofo húngaro chamou a atenção de diversos membros da elite europeia. [...] O último ensaio do livro, [...] que muitos comentadores consideram o texto capital desse conjunto [...], foi consagrado à apologia da tragédia. Aos olhos do jovem Lukács, a tragédia aparecia como a encarnação da vida essencializada levada às últimas consequências, como o modo supremo de articulação desta forma [...] na qual ele via a condição inalienável da verdadeira arte.⁸

Na sequência, publica *A teoria do romance* (1914-1915), que, ao lado de *A alma e as formas*, representa o trânsito lukacsiano de Kant a Hegel, culminando no último. É o percurso que o leva, sem abandonar o território das assim chamadas “ciências do espírito” (Dilthey, Simmel, Weber), da filosofia e da nascente sociologia alemã de Simmel para uma forma da “ciência do espírito” acoplada ou transpassada pelo hegelianismo, responsável pela urdidura de *A alma e as formas*, mas com destaque maior em *A teoria do romance*. Essas obras surgem sob o influxo direto ou indireto, aqui não importa, do “esteticismo da *filosofia da vida* [*Lebensphilosophie*], que predominava no pensamento alemão no início do século passado [século XX]”⁹.

O estalar da guerra de 1914 e seu efeito sobre a intelectualidade de esquerda, ao ser assumida pela social-democracia, determinam o projeto de redação de *A teoria do romance*. A obra “nasceu de um estado de espírito de permanente desespero diante da situação mundial”¹⁰, diz Lukács, que mais de uma vez lançou mão de uma fórmula de Fichte para caracterizar a imagem que nutria daquele tempo: “época da pecaminosidade consumada”¹¹. Essa visão infernal de uma Europa sem brechas e sem horizontes, tecida de pessimismo eticamente modulado, faz do Lukács de *A teoria do romance* um utópico primitivo, expressão quase idêntica a uma criada por

⁷ Ester Vaisman, “O ‘jovem’ Lukács: trágico, utópico e romântico?”, cit., p. 295-6.

⁸ Nicolas Tertulian, “L’évolution de la pensée de György Lukács”, cit., p. 17.

⁹ Ibidem, p. 20.

¹⁰ G. Lukács, “Prólogo a *La teoría de la novela*”, em *Obras completas* (Barcelona, Grijalbo, 1975, v. I), p. 182. [Ed. bras.: *A teoria do romance*, São Paulo, Duas Cidades/Editora 34, 2000.]

¹¹ G. Lukács, *Pensamento vivido*, cit., p. 49.

ele mesmo. De tal sorte que ele pode afirmar: “*A teoria do romance* não é conservadora, mas destruidora”¹². E de forma mais concreta:

metodologicamente, é um livro de história do espírito. Mas acho que é o único livro de história do espírito que não é de direita. Do ponto de vista moral, considero toda aquela época condenável e, na minha concepção, a arte é boa quando se opõe a esse decurso.¹³

Não é possível, aqui, entrar em detalhes sobre essa importante fase da vida do autor, mas é necessário aduzir que “o devir intelectual de Lukács apresenta um interesse único, possuindo valor paradigmático para o destino da intelectualidade europeia do século XX”¹⁴.

História e consciência de classe – seu livro mais afamado¹⁵ – foi:

reconhecidamente, um esforço intelectual marcante no sentido de pôr em evidência um campo de reflexão teórica até então relegado a um segundo plano. Nesse livro estão reunidos vários estudos do período que vai de 1919 a 1922. De fato, a obra de Lukács, na década de 1920, se revestiu de importância decisiva, na medida em que representou a tentativa de – independentemente de seus embaraços e malogros – reconhecer e ressaltar a natureza e as complexas funções da esfera ideológica.¹⁶

Em outras palavras, *História e consciência de classe*, apesar de seu hiper-hegelianismo, reconhecido pelo próprio autor no prefácio à edição de 1967 – ou seja, mais de quatro décadas após a primeira publicação do livro¹⁷ –,

¹² G. Lukács, “Prólogo a *La teoría de la novela*”, cit., p. 290.

¹³ G. Lukács, *Pensamento vivido*, cit., p. 49.

¹⁴ Nicolas Tertulian, “L’Évolution de la pensée de György Lukács”, cit., p. 25.

¹⁵ Não obstante seu prestígio, o livro foi publicado no Brasil apenas em 2003 pela editora Martins Fontes, de São Paulo. Até então, por aqui circularam a edição portuguesa das Publicações Escorpião, a espanhola da Editorial Grijalbo e a francesa da Les Éditions de Minuit.

¹⁶ Ester Vaisman, *A determinação marxiana da ideologia* (Tese de Doutorado, Belo Horizonte, UFMG, 1996), p. 57.

¹⁷ “Durante muito tempo, um equívoco terrível, carregado de vários significados, pairou sobre esse livro. Lukács o negou, em termos enérgicos, numa série de textos escrita entre 1930 e 1940. O prefácio de 1967 não foi o primeiro. Os admiradores zelosos de uma obra considerada capital para o marxismo do século XX continuaram a cultuá-lo, atribuindo a desaprovacão do autor a uma coerção sofrida por Lukács. (A obra de Lukács e a de Karl Korsch foram denunciadas por Zinoviev no V Congresso da Internacional Comunista, em 1924, como heréticas e revisionistas. Ao mesmo tempo, Kautsky, em sua revista *Die Gesellschaft*, e os social-democratas criticaram Korsch e Lukács de um outro ponto de vista.)” Nicolas Tertulian, “L’Évolution de la pensée de György Lukács”, cit., p. 25.

representou uma reação importante às desventuras do marxismo oficial que não valorizava o papel da subjetividade no interior dos processos históricos. Nesse prefácio, o autor revê autocriticamente o conteúdo do livro em questão, revelando, entre outros aspectos, o “dualismo temático e intimamente contraditório” de seus posicionamentos filosóficos da época. Embora não se pretenda sequer esboçar uma análise crítica desse livro, é conveniente frisar que foi escrito num momento de transição intelectual do autor em direção ao marxismo, como ele próprio veio a reconhecer ao afirmar: “encontro em meu mundo mental da época tendências simultâneas à assimilação do marxismo e à atividade política, de um lado, e, do outro, uma constante intensificação de colocações éticas puramente idealistas”¹⁸. A restrição de Lukács acerca de sua obra dos anos 1920 está no plano filosófico.

História e consciência de classe representa objetivamente – e contra as intenções subjetivas do autor – uma tendência que no interior da história do marxismo e, sem dúvida com grandes diferenças na fundamentação filosófica e nas consequências políticas, representa sempre, voluntária ou involuntariamente, uma orientação contrária à ontologia do marxismo.¹⁹

De Estética a Para uma ontologia do ser social

Alguns intérpretes de Lukács, como Guido Oldrini²⁰ e Nicolas Tertulian²¹, consideram que sua fase de maturidade tem início em 1930, data a partir da qual o filósofo passa a se dedicar aos seus estudos sobre a arte, tendo como orientação uma chave analítica fundada no pensamento de Marx. Oldrini, buscando descobrir o momento em que tem início o processo que leva Lukács à redação de sua obra postumamente publicada, se vale de

¹⁸ G. Lukács, *Historia y consciencia de classe* (México, D. F., Grijalbo, 1969), p. X. [Ed. bras.: *História e consciência de classe*, São Paulo, Martins Fontes, 2003.]

¹⁹ *Ibidem*, p. XVII.

²⁰ Guido Oldrini, “Em busca das raízes da ontologia (marxista) de Lukács”, em Maria Orlanda Pinassi e Sérgio Lessa (orgs.), *Lukács e a atualidade do marxismo* (São Paulo, Boitempo, 2002), p. 49-75.

²¹ Nicolas Tertulian, “Lukács hoje”, em Maria Orlanda Pinassi e Sérgio Lessa (orgs.), *Lukács e a atualidade do marxismo*, cit., p. 27-48.

depoimentos do crítico soviético Michail Lifschitz²² e dos húngaros István Hermann, um dos primeiros alunos de Lukács, e László Szikai, diretor do Arquivo Lukács de Budapeste. Tais depoimentos “têm insistido com ênfase particular na ‘importância histórica’ da virada dos anos 1930, no fato de que – sem sombra de dúvida – exatamente ali, em Moscou, é que se forma o Lukács maduro”²³. No primeiro turno dos exílios em Moscou, no início do ano de 1930, ao deixar o exílio em Viena, Lukács trabalha com Riazanov, que então cuidava da edição dos manuscritos juvenis de Marx e empreendia a publicação da Marx-Engels-Gesamtausgabe (MEGA), a qual ficou incompleta com sua expulsão em 1931 do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) e posterior desaparecimento no bojo dos expurgos stalinistas. Foi uma experiência mais do que invulgar, provavelmente responsável por sua inflexão em relação ao pensamento marxiano, e da qual ele se recordava com grande entusiasmo até o fim da vida, como na entrevista à *New Left Review* em 1968: “Quando estive em Moscou, em 1930, Riazanov me mostrou os manuscritos de Marx elaborados em Paris em 1844. Você pode imaginar minha excitação: a leitura desses manuscritos mudou toda a minha relação com o marxismo e transformou minha perspectiva filosófica”²⁴. De acordo com Oldrini, essa virada tem caráter ontológico, na medida em que se fundamenta na crítica de Marx à filosofia especulativa de Hegel, na qual Marx, em parte influenciado pelos pequenos escritos de Feuerbach²⁵, faz o reconhecimento da objetividade enquanto propriedade originária de

²² Esteta e filósofo com quem Lukács conviveu no primeiro exílio na União Soviética. No prefácio ao seu volume antológico *Arte e sociedade*, publicado em Budapeste em 1968, ele declara: “No Instituto Marx-Engels, conheci e trabalhei com Michail Lifschitz, com quem, no curso de longos e amigáveis colóquios, debati as questões fundamentais do marxismo. O resultado teórico mais importante dessa clarificação foi o reconhecimento da existência de uma estética marxista autônoma e unitária. Essa afirmação, indiscutível hoje em dia, parecia no início dos anos 1930 um paradoxo até para muitos marxistas”. *Arte e società* (Roma, Riuniti, 1981, v. I), p. 11. Nesse contexto, importa lembrar, imperavam ainda as concepções formuladas pela II Internacional.

²³ Guido Oldrini, “Em busca das raízes da ontologia (marxista) de Lukács”, cit., p. 52-3.

²⁴ G. Lukács, “Democracia burguesa, democracia socialista e outras questões”, *Nova Escrita/Ensaio*, São Paulo, n. 8, 1981, p. 49. (Trata-se de entrevista concedida à sucursal da *New Left Review* em Budapeste, em 1968, e publicada em 1971, no número 68 da revista.)

²⁵ Cf. Ludwig Feuerbach, *Princípios da filosofia do futuro* (Lisboa, Edições 70, [s. d.]).

todo ente²⁶. Oldrini considera, nesse sentido, que “as linhas diretrizes da investigação lukacsiana após os anos 1930 se devem imediatamente à teoria materialista da objetividade”, contudo isso não significa necessariamente “que se devam deixar de lado”, na análise desse longo período que desemboca em *Para uma ontologia do ser social*, “os inconvenientes e os limites que derivam da ausência como fundamento, de um explícito projeto ontológico. Nesse momento, em Lukács, esse projeto está completamente ausente”²⁷. Além disso, é necessário advertir para o fato de que tal “virada”, por assim dizer, embora apresente diferenças substanciais em relação a seus textos juvenis, não é “fruto de uma brusca e inesperada inversão de rota, de uma reviravolta que se teria verificado de improviso, sem preparação, na última década da vida do filósofo. Pelo contrário, por trás dela há uma longa história, que merece atenção”²⁸. Essas fases intermediárias de seu pensamento que incluem, segundo Oldrini, “por exemplo, os escritos berlinenses ou moscovitas, aqueles de volta à Hungria”²⁹, merecem um estudo mais cuidadoso, sem isolá-las do contexto mais amplo da obra. Evidentemente, tal intento escapa aos limites da presente proposta de trabalho. O que importa aqui é identificar os móveis teóricos que relacionam sua grande *Estética* com o trabalho derradeiro³⁰. Colocada a questão, inicialmente, em termos cronológicos, é novamente Oldrini³¹ quem oferece algumas pistas importantes:

²⁶ Em *Pensamento vivido*, Lukács se posiciona a respeito: “Marx elaborou principalmente – e esta eu considero a parte mais importante da teoria marxiana – a tese segundo a qual a categoria fundamental do ser social, e isto vale para todo ser, é que ele é histórico. Nos manuscritos parisienses, Marx diz que só há uma única ciência, isto é, a história, e até acrescenta: ‘Um ser não objetivo é um não-ser’. Ou seja, não pode existir uma coisa que não tenha qualidades categoriais. Existir, portanto, significa que algo existe numa objetividade de determinada forma, isto é, a objetividade de forma determinada constitui aquela categoria à qual o ser em questão pertence”, em *Pensamento vivido*, cit., p. 145.

²⁷ Guido Oldrini, “Em busca das raízes da ontologia (marxista) de Lukács”, cit., p. 67.

²⁸ *Ibidem*, p. 50.

²⁹ *Idem*.

³⁰ Cf. Ester Vaisman, “A obra tardia de Lukács e os revezes de seu itinerário intelectual”, *Trans/Form/Ação*, São Paulo, v. 30, n. 2, 2007, p. 251-2.

³¹ Nesta etapa da exposição, dado o espaço de que dispomos, julgamos adequado seguir a análise de Oldrini e Tertulian, intérpretes que conseguiram captar com mais acuidade o elo entre a *Estética* e a *Ontologia*.

Vejamos, antes de mais nada, algumas datas fornecidas por Tertulian e Mezei para orientar-nos e mover-nos com facilidade na selva dos fatos. Lukács só pensa numa *Ontologia* muito tarde, como introdução a uma ética marxista, para a qual ele já vinha recolhendo grande quantidade de materiais preliminares pelo menos desde o fim dos anos 1940, e que se torna mais forte (mas também é posta temporariamente entre parênteses) com o início do trabalho na grande *Estética*³², datável de 1955: trabalho que prosseguiu até 1960.³³

Em *Conversando com Lukács* (1967)³⁴, ao ser indagado pelo entrevistador sobre a presença, em sua *Estética*, de alguns pressupostos ontológicos que nem sempre são tratados de forma explícita, o filósofo húngaro não só indica alguns elementos da obra em preparação – a *Ontologia* –, mas também responde afirmativamente à questão que lhe fora colocada. Assim, podemos identificar em depoimentos do próprio Lukács sinalizações razoáveis para admitir a existência de elementos de caráter ontológico na obra publicada originalmente em 1963. Nesse mesmo sentido, Oldrini, apoiando-se em uma carta enviada pelo autor a Ernst Fischer e em outra endereçada à irmã, pôde afirmar que, imediatamente após a conclusão da *Estética*, teve início o trabalho na *Ética*. E mais, “ele sentiu logo a necessidade imprescindível de um capítulo introdutório de caráter ontológico, testemunham as conversas com os alunos e, mais ainda e melhor, o que diz a Werner Hofmann numa carta de 21 de maio de 1962: ou seja, que ‘seria necessário avançar ainda na direção de uma concreta ontologia do ser social’”³⁵.

Da provável existência de um fio condutor, principalmente entre a *Estética* e a *Ontologia*, não resulta de imediato a conclusão que Lukács tenha aderido, sem mais, à expressão ontologia, ainda que, como afirma Oldrini: “mesmo lá onde a coisa, o nexos conceitual, já exista em germe,

³² G. Lukács, *Die Eigenart des Ästhetischen (Ästhetik)* (Berlim, Luchterhand, 1963, 2 v.) e *Estética* (Barcelona, Grijalbo, 1966, 4 v.).

³³ Guido Oldrini, “Em busca das raízes da ontologia (marxista) de Lukács”, cit., p. 51.

³⁴ Hans Heinz Holz, Leo Kofler e Wolfgang Abendroth, *Conversando com Lukács* (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969), p. 11-2 e ss.

³⁵ Guido Oldrini, “Em busca das raízes da ontologia (marxista) de Lukács”, cit., p. 52. (Oldrini faz referência a G. I. Mezei [org.], *Ist der Sozialismus zu retten? Briefwechsel zwischen György Lukács und Werner Hofmann* [Budapeste, Lukács Archivum, 1991], p. 21.)

falta a palavra para exprimi-lo”³⁶. Em verdade, Lukács nutria desconfianças e suspeitas em relação à própria palavra, resistindo em utilizá-la; “para ele, tomando a conotação que lhe fora conferida por Heidegger, ela só tem um valor negativo”³⁷. Entretanto, ao entrar em contato com a obra de Ernst Bloch, *Questões fundamentais da filosofia: pela ontologia do ainda-não-ser* [Noch-Nicht-Sein], publicada em 1961, e com a volumosa obra de N. Hartmann sobre a *Ontologia*, há uma mudança de postura em relação à palavra.

Desse modo, a abordagem da própria *Estética* muda de configuração: apesar de, cronologicamente, ter sido elaborada antes da *Ontologia*, há claros indícios que tornam factível a hipótese de que, em termos lógicos, os problemas ontológicos já estavam presentes, mesmo que tal expressão não tenha sido utilizada, seja porque Lukács a associava com o existencialismo, seja porque ele próprio não havia se dado conta da possibilidade de uma ontologia em bases materialistas. No entanto, o fato é que “a tese de que a obra de arte ‘está lá’, de que ela existe anteriormente à análise de suas condições de possibilidade, não representa de fato uma ‘novidade’ do último Lukács [...]”³⁸. Com efeito, a partir do depoimento do próprio autor, constata-se esse nexo entre a análise da obra de arte e questões de ordem ontológica. No prefácio de 1969 à edição francesa de *Meu caminho até Marx*, o autor afirma: “Se para a *Estética* o ponto de partida filosófico consiste no fato de que a obra de arte está aí, de que ela existe, a natureza social e histórica dessa existência faz com que toda problemática se desloque para uma ontologia social”³⁹.

De Para uma ontologia do ser social aos Prolegômenos para uma ontologia do ser social: as relações entre indivíduo e gênero

Ainda é Tertulian que nos oferece uma informação preciosa acerca do momento exato em que tem início a elaboração da última obra de Lukács: maio

³⁶ Guido Oldrini, “Em busca das raízes da ontologia (marxista) de Lukács”, cit., p. 67.

³⁷ Idem.

³⁸ Ibidem, p. 70.

³⁹ G. Lukács, *Utam Marxhoz* (Budapest, Magvető, 1971), p. 9-31, citado em Guido Oldrini, “Em busca das raízes da ontologia (marxista) de Lukács”, cit., p. 69.

de 1960⁴⁰, data em que, conforme seus planos, começaria os escritos da *Ética*. Contudo, “sabemos o que ocorreu depois: os trabalhos preparatórios da *Ética* se transformaram num volumoso manuscrito, a *Ontologia do ser social*, concebida como uma necessária introdução à obra principal”⁴¹.

A incursão lukacsiana no debate da ontologia não é de modo algum fruto de inclinações particulares ou meramente teóricas, mas surge do “entendimento de que a realidade deve ser transformada e não simplesmente manipulada e gestada”⁴², e que, para tanto, uma série de questões do campo prático e do teórico devem ser tratadas a partir de uma nova perspectiva. As adversidades de seu tempo impunham – assim julgava o pensador húngaro – a enorme tarefa de retornar à obra de Marx, com o intuito de reformular as perspectivas revolucionárias e de buscar respostas aos descaminhos provocados pelo vigor stalinista que dominou toda tentativa revolucionária comunista.

Por isso mesmo, a última grande obra filosófica de Lukács, *Para uma ontologia do ser social*, constitui um caso singular no interior da história do marxismo, uma vez que destoa do núcleo comum sobre o qual a obra de Marx foi compreendida ao longo de todo o século XX: tem o mérito de ter sido a primeira a destacar tal caráter. É uma denúncia de que o caráter ficou obscurecido pela rigidez dogmática em que o marxismo se viu imerso desde a morte de Lenin, que rechaçava a discussão acerca da ontologia, qualificando-a de idealista e/ou simplesmente metafísica. Como Lukács sugere, essa rigidez é uma vertente específica das reflexões lógico-epistemológicas que passaram a dominar todo o cenário da filosofia desde o século XVII, as quais combatem vigorosamente a tentativa de basear sobre o ser o pensamento filosófico em torno do mundo, afirmando “que qualquer reflexão sobre o ser efetivo é afastada no domínio da ciência como ‘não científica’”⁴³. Não importam quão distintas essas perspectivas possam ser em suas pretensões políticas ou quão antagonicas possam ser em relação a seus princípios filosóficos, ambas são perspectivas enrijecidas e

⁴⁰ Nicolas Tertulian, *Lukács: la rinascita dell'ontologia* (Roma, Riuniti, 1986), p. 11. Trata-se de uma carta datada de 10 de maio de 1960, endereçada a Ernst Fischer, na qual Lukács anuncia que havia finalizado a *Estética* e que pretendia “ter à mão sem demora a *Ética*”.

⁴¹ Idem, “O grande projeto da *Ética*”, *Ensaio Ad Hominem*, Santo André, t. 1, n. 1, 1999, p. 126.

⁴² Alberto Scarponi, “Introduzione”, em G. Lukács, *Per l'ontologia dell'essere sociale* (Roma, Riuniti, 1976, t. I), p. XII.

⁴³ Ver parte 3, p. 381.

reduzidas pelas mesmas amarras, uma vez que se fundam no interior das discussões lógico-gnosiológicas e, precisamente por isso, estão incapacitadas de perceber que o cerne estruturador do pensamento marxiano se compõe de lineamentos ontológicos acerca do ser social.

Vale, no entanto, lembrar que, apesar das perspectivas abertas, essa obra não teve uma receptividade à altura de suas pretensões. O destino funesto a que foi condenada revela-se com clareza na tênue repercussão desses últimos escritos no pensamento do século XX. Essa fatalidade a que se viu submetida possui pelo menos dois motivos principais: por um lado, como já mencionado, surge na contramão das tendências filosóficas do século, na medida em que quer repor a necessidade da reflexão ontológica em um mundo dominado pelo debate lógico-epistemológico; por outro, a publicação integral de sua obra aparece em um momento extremamente desfavorável, pois coincide com a implosão do Leste Europeu e, conseqüentemente, com a tão decantada derrocada do pensamento marxista em geral.

Encontram-se apenas estudos esparsos sobre a última fase de seu pensamento, e a autoridade intelectual do pensador húngaro ainda hoje é muito mais reconhecida por conta de *História e consciência de classe*. As conseqüências necessárias passíveis de serem extraídas de suas últimas determinações sobre o pensamento de Marx ainda não foram consideradas em sua íntegra.

Todo o vigor dos escritos ontológicos de Lukács possui duas direções básicas: volta-se contra as leituras mecanicistas provenientes principalmente do stalinismo, ao mesmo tempo em que procura combater a crítica dos adversários de Marx, demonstrando como a incompreensão – e mesmo a recusa – de toda e qualquer ontologia encontra-se circunscrita em necessidades prementes da própria configuração da sociedade capitalista: “Se analisássemos bem as constantes teorias dos grupos dirigentes políticos, militares e econômicos do nosso tempo, descobriríamos que estes – conscientemente ou não – são determinados por métodos de pensamento neopositivistas”⁴⁴.

O combate sugerido por Lukács ao predomínio das reflexões lógico-epistemológicas tem, portanto, a perspectiva que concilia a posição teórica com a necessidade prática. Contra o predomínio manipulatório a que se viu

⁴⁴ G. Lukács, “As bases ontológicas da atividade e do pensamento do homem”, em *Temas de ciências humanas* (São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, 1978), p. 6.

reduzida a ciência no mundo do capital, a ontologia recoloca o problema filosófico essencial do ser e do destino do homem.

A percepção da ontologia em Marx fornece a Lukács os elementos passíveis de estabelecer de uma vez por todas a ruptura com o predomínio da gnosiologia e da epistemologia em nossos tempos. Suas reflexões partem da crítica fundamental que postula que, em Marx, “o tipo e o sentido das abstrações, dos experimentos ideais, são determinados não a partir de pontos de vista gnoseológicos ou metodológicos (e tanto menos lógicos), mas a partir da própria coisa, isto é, da essência ontológica da matéria tratada”⁴⁵.

Revela-se nessas palavras o reconhecimento de uma fecunda inflexão do pensamento de Marx em relação a tudo o que foi produzido pela filosofia até então: “o objeto da ontologia marxista, diferentemente da ontologia clássica e subsequente, é o que existe realmente: a tarefa é a de investigar o ente com a preocupação de compreender o seu ser e encontrar os diversos graus e as diversas conexões em seu interior”⁴⁶. Instaure-se, a partir dessa determinação, uma inflexão com os padrões científicos predominantes desde o século XVII. A novidade do pensamento de Marx deve ser entendida como:

uma estrutura de caráter completamente novo: uma cientificidade que, no processo de generalização, nunca abandona esse nível (existência em-si) e que, não obstante, em cada singular adequação aos fatos, em cada reprodução ideal de um nexos concreto, examina continuamente a totalidade do ser social e desse modo sopesa continuamente a realidade e o significado de cada fenômeno singular; uma consideração ontológico-filosófica da realidade existente em si que não vaga por sobre os fenômenos hipostasiando as abstrações, mas, ao contrário, se põe, criticamente e autocriticamente no mais elevado nível de consciência, só para poder tomar cada existente na plena forma de ser que lhe é própria, que é específica propriamente deste. Nós cremos que Marx criou assim uma nova forma tanto de cientificidade geral quanto de ontologia, que é destinada, no futuro, a superar a constituição profundamente problemática, não obstante toda a riqueza dos fatos descobertos, da cientificidade moderna.⁴⁷

⁴⁵ Idem, *Per l'ontologia dell'essere sociale*, cit., p. 302.

⁴⁶ Hans Heinz Holz, Leo Kofler e Wolfgang Abendroth, *Conversando com Lukács*, cit., p. 15.

⁴⁷ G. Lukács, *Per l'ontologia dell'essere sociale*, cit., p. 275.

Essa nova caracterização da cientificidade é definida de um modo simples, porém pleno de consequências: as “categorias são formas e determinações da existência”. Afirmar isso significa dizer que as categorias e as conexões próprias ao ser assumem para o pensamento caráter de metro crítico no processo de construção das abstrações. E como não poderia deixar de ser, o arremate de Lukács é conclusivo, ao destacar que:

o marxismo distingue-se em termos extremamente nítidos das concepções do mundo precedentes: no marxismo, o ser categorial da coisa constitui todo o ser da coisa, enquanto nas velhas filosofias o ser categorial era a categoria fundamental no interior da qual se desenvolviam as categorias da realidade. Não é que a história se desenvolva no interior do sistema das categorias, mas ao contrário, a história é a transformação do sistema das categorias. As categorias são, em suma, formas do ser.⁴⁸

O ser é compreendido como totalidade concreta dialeticamente articulada em totalidades parciais. Essa estrutura constitutiva do ser, a que Lukács designa como um “complexo de complexos” – tomando emprestada a terminologia de Nicolai Hartmann –, apresenta-se sempre por meio de uma intrincada interação dos elementos no interior de cada complexo. O complexo no interior dessa perspectiva é compreendido e determinado como um conjunto articulado de categorias que se determinam reciprocamente, além de estruturado de forma decisiva por uma categoria que atua como momento preponderante em seu interior.

A universal processualidade do ser deriva não somente da complicada interação dos “elementos” (complexos) no interior de cada complexo e dos complexos entre si, mas da presença, a cada vez, de um *übergreifendes Moment* [momento preponderante] que fornece a direção objetiva do processo, o qual se configura, por isso, como um processo histórico.⁴⁹

Esse enfrentamento – teórico e prático – forma a base do argumento que adverte para a necessidade de retorno a Marx, sem as peias erguidas pelo marxismo em geral. Trata-se de varrer das páginas da obra marxiana uma discussão totalmente estranha à sua letra: afirmações que acusam a existência em Marx

⁴⁸ Idem, “Diálogo sobre o pensamento vivido”, *Ensaio*, São Paulo, n. 15/16, 1986, p. 85.

⁴⁹ Alberto Scarponi, “Introduzione”, cit., p. XIII.

de um determinismo unívoco, proveniente da esfera da economia, que absolutiza a potência do fator econômico, colocando em segundo plano a eficácia dos outros complexos da vida social. Ao contrário de um determinismo unívoco da esfera econômica sobre as outras instâncias da sociabilidade, como lhe atribui grande parte de seus adversários, o cerne estruturador do pensamento econômico de Marx se funda na concepção da determinação recíproca das categorias que compõem o complexo do ser social.

Esse método dialético peculiar, paradoxal, raramente compreendido, repousa na já referida convicção de Marx segundo a qual, no ser social, o econômico e o extraeconômico continuamente se convertem um no outro, estando em uma insuprimível interação recíproca, da qual, como mostramos, não deriva nem um desenvolvimento histórico extraordinário privado de leis nem uma dominação mecânica “imposta por lei” do econômico abstrato e puro.⁵⁰

Trata-se de momentos que se apresentam permanentemente em um estado de determinação reflexiva. São a interação e a inter-relação desses momentos que constituem a estrutura sobre a qual se move e que dinamiza o processo de socialização do homem. As categorias de produção e reprodução da vida – esfera econômica – desempenham a função de motor central dessa dinâmica. Todavia, só podem se desenvolver sob a forma de um “momento ontologicamente primário de uma interação entre os complexos que vêm a existir na dialética objetiva entre acaso e necessidade”⁵¹. A base econômica permanece sempre como o momento preponderante; no entanto, isso não elimina a relativa autonomia das superestruturas, fato que se expressa de maneira definitiva na dialética de mútua reciprocidade determinativa existente entre estas e a esfera da economia. As esferas superestruturais da sociedade não são simples epifenômenos da estrutura econômica. Longe de constituírem um reflexo passivo, elas podem agir (ou retroagir) sobre a base material em maior ou menor grau, sempre, entretanto, no interior das “condições, possibilidades ou impedimentos” que esta lhes determina.

Compreender o ser social em seu sentido preciso implica, pois, considerar a dinamicidade existente entre os complexos que compõem a sua tota-

⁵⁰ G. Lukács, *Per l'ontologia dell'essere sociale*, cit., p. 290.

⁵¹ Alberto Scarponi, “Introduzione”, cit., p. XIII.

lidade. Sob esses aspectos, a relação da esfera do ser social com as outras formas de ser, inorgânicas e orgânicas, ganha, no contexto das elaborações lukacsianas, uma relevância inusitada. O salto ontológico representado pelo trabalho, ao mesmo tempo que funda e constitui a sociabilidade, liga-a inelutavelmente à natureza orgânica e inorgânica. O que equivale dizer que o processo de humanização ou de socialização do homem não pode nem poderá mais prescindir das esferas do ser orgânico e inorgânico. Isso constitui para Lukács uma das novidades centrais do pensamento marxiano, pois sua filosofia rechaça a ideia tradicional de separação entre natureza e sociedade. Toma os problemas pertinentes à natureza na sua efetiva inter-relação com a sociedade, portanto, não como antíteses que se excluem mutuamente, mas como inter-relações entre complexos distintos que se formam e se modificam numa relação de determinação reflexiva. Nas palavras de Lukács, ocorre a “dupla determinação de uma insuprimível base natural e de uma ininterrupta transformação social dessa base”⁵².

O que caracteriza e determina a especificidade da atividade humana é a transformação da atividade natural em uma “atividade posta”, ou seja, é a configuração objetiva de um fim previamente estabelecido – o *pôr teleológico*. O trabalho é a unidade entre o pôr efetivo de uma dada objetividade e a atividade ideal prévia diretamente regida e mediada por uma finalidade específica. A natureza, que tem na causalidade o princípio geral de seu movimento, passa a ser mediada pela consciência. Esta, sob a regência da realização de uma finalidade, a partir dos próprios nexos causais da natureza, impõe novos direcionamentos, desdobrando-os em novas formas inusitadas em relação aos processos naturais. Nesse sentido, Lukács define o resultado final do trabalho como uma “causalidade posta”, o que significa dizer que se trata de uma causalidade que se põe em movimento pela mediação de um fim humanamente configurado. Na atividade laborativa, as duas categorias, embora antagônicas e heterogêneas, formam uma unidade no interior do complexo. Portanto, causalidade posta, ou variante da mesma assertiva, o pôr teleológico constitui o fundamento ontológico da dinamicidade de complexos próprios apenas ao homem, na medida em que a teleologia é uma categoria existente somente no âmbito do ser social. Desse modo, definindo a posição teleológica como célula

⁵² Ibidem, p. 265.

geradora da vida social e vislumbrando no seu desenvolvimento e complexificação o conteúdo dinâmico da totalidade social, Lukács impossibilita a confusão entre as diretrizes e os princípios que regem a vida e a sociedade, pois reconhece pelo menos dois tipos de pôr teleológico, que se diferenciam claramente quando se considera o objeto sobre o qual incidem suas ações. A primeira forma de pôr teleológico primário atua sobre um dado objeto ou elemento natural, enquanto o pôr teleológico designado por Lukács como secundário tem como objeto a consciência de outros homens, ou seja, “não são mais intervenções imediatas sobre objetos da natureza, mas intencionam provocar essas intervenções por parte de outras pessoas”⁵³. É a análise dessas formas distintas dos pores teleológicos que nos auxilia a compreender o processo de desenvolvimento das fases superiores a partir da forma originária do trabalho. A dinâmica inerente às interações categoriais do trabalho não apenas instaura a gênese do ser social como também determina a dinâmica das formas superiores da sua prática. Nas etapas superiores da sociabilidade, essas formas de teleologia tornam-se mais “desmaterializadas”, uma vez que se desvinculam da relação direta com o momento material da prática social, assumindo o papel preponderante na dinâmica do processo social. São elas que mais tarde darão origem a dimensões importantes da prática social, tais como a ética e a ideologia. É por meio delas – e esta é uma questão crucial para Lukács – que podemos vislumbrar a gênese das ações políticas. Precisamente por isso, são também designadas como pores socioteleológicos.

É no conjunto das determinações decisivas que perfazem os lineamentos fundamentais do pensamento marxiano que Lukács elabora suas considerações sobre os complexos mais problemáticos do ser social. Nesse sentido, todo o empreendimento levado a cabo em sua *Ontologia* tem por objetivo reexaminar passo a passo as categorias fundamentais do pensamento de Marx, iniciando pela retomada das considerações marxianas acerca do trabalho como complexo central decisivo do ser social, passando pelo problema da reprodução, da ideologia, e culminando no tratamento da alienação. O distanciamento do tratamento de Lukács ao abordar tais complexos problemáticos do ser social das já referidas distorções provenientes do marxismo em geral, na medida em que revela e descortina uma série de

⁵³ Ibidem, p. 56.

determinações marxianas que ficaram obnubiladas, faz de sua obra, sem dúvida, algo completamente inusitado no panorama da filosofia marxista ao longo do século XX.

Sobre os *Prolegômenos para uma ontologia do ser social* são necessárias algumas informações adicionais. De acordo com Tertulian, tais manuscritos possuem o valor de um testamento, pelo fato de serem o último grande texto filosófico de Lukács. As considerações que neles estão presentes encerram todo um conjunto de novos indicativos acerca de questões que o pensador húngaro supõe como urgentes. De fato, foram redigidos pouco antes de sua morte, o que nos revela a lucidez do filósofo que, vendo o escasso tempo que lhe restava, pretendeu deixar, a partir de uma série de esboços, sua contribuição indicando os resultados finais de *Para uma ontologia do ser social*, bem como apresentar questões que não foram devidamente trabalhadas nesse livro.

Sobre as razões que levaram o filósofo a escrever seus *Prolegômenos*, depois de finalizada a *Ontologia*, há várias controvérsias entre os intérpretes. A esse respeito, o mais cuidadoso é levantar algumas hipóteses, tomando cuidado para não afirmar nada categoricamente. Em primeiro lugar, consta que Lukács teria se mostrado insatisfeito com o modo como a *Ontologia* havia sido dividida: a parte histórica e, depois, a parte sistemática. É importante salientar que os escritos posteriores, os *Prolegômenos*, não foram redigidos seguindo essa subdivisão – talvez Lukács tenha pretendido com isso superar a divisão da obra anterior.

Entre os estudiosos da obra lukacsiana no Brasil e no exterior corre a notícia de que Lukács teria resolvido reescrever a *Ontologia* por causa das críticas recebidas de seus alunos, consignadas em um texto publicado pela primeira vez em italiano, no fim dos anos 1970, na revista *Aut aut* e sucessivamente em inglês e alemão sob o título de “Anotações sobre a ontologia para o companheiro Lukács”⁵⁴.

Muito embora na apresentação de suas “Anotações” os autores tenham demonstrado um tom respeitoso ao antigo mestre, eles procuram evidenciar que Lukács – mesmo trabalhando sob uma disciplina férrea, consciente que estava da

⁵⁴ Ferenc Fehér, Agnes Heller, György Márkus e Mihály Vajda, “Annotazioni sull’ontologia per il compagno Lukács (1975)”, *Aut aut*, fascículo especial, n. 157-8, jan.-abr. 1977, p. 21-41.

gravidade de sua moléstia – teria despendido longas horas de seus últimos dias de vida em acirradas discussões com seus alunos, o que nos parece bastante inverossímil. Por outro lado, mesmo que tais debates tivessem ocorrido, por que os ex-alunos de Lukács procuraram tão apressadamente, logo após a sua morte, tornar públicas suas discordâncias com uma obra que sequer havia sido publicada? Não cabe aqui uma análise minuciosa das “Anotações”, mas convém levantar algumas questões. Segundo Fehér, Heller, Márkus e Vajda, a *Ontologia* de Lukács padecia de vários problemas, como a existência de “duas concepções de ontologia que se contradizem em pontos essenciais”⁵⁵. Ademais, afirmam peremptoriamente que haveria, entre outras mazelas, “um contraste gritante entre ser social e consciência social”⁵⁶, problema que atravessaria a obra em seu conjunto. Não há espaço nesta apresentação para comentar cada uma dessas críticas, mas vale notar que se trata de discordância de fundo. Os autores se mostraram descontentes não apenas com alguns aspectos pontuais, mas questionaram o próprio intento lukacsiano de constituir uma ontologia em bases materialistas.

A hipótese de que Lukács teria elaborado os *Prolegômenos* como tentativa de correção de sua empreitada teórica final, diante das críticas de seus alunos, parece não corresponder aos fatos, pois na análise do texto em questão não se encontra nenhuma referência a tais questionamentos, tampouco uma tentativa de reconfigurar cabalmente sua posição teórica.

Portanto, a hipótese mais plausível é a de que Lukács considerou não ter conseguido expressar com clareza e profundidade as suas intenções iniciais na *Ontologia*. Uma leitura mais atenta dos *Prolegômenos* evidencia que eles trazem novidades muito especiais, apesar de seu caráter repetitivo e, por vezes, lacunar em algumas passagens específicas.

Em nosso ponto de vista, uma das principais contribuições desses escritos diz respeito às relações entre indivíduo e gênero, que ainda não receberam o devido tratamento analítico pelos intérpretes. Lukács assevera que

O lugar central da generidade, a superação do seu mutismo na natureza, não é de modo algum uma “ideia” genial e isolada que tenha ocorrido ao jovem Marx. Embora a questão raras vezes apareça abertamente, com essa terminologia explícita, em suas obras posteriores, Marx nunca cessou de avistar no desenvol-

⁵⁵ Ibidem, p. 21.

⁵⁶ Ibidem, p. 22 e ss.

vimento da generidade o critério ontológico decisivo para o processo do desenvolvimento humano.⁵⁷

Segundo o filósofo húngaro, a categoria da *generidade* explicita a concepção revolucionária sobre o ser e o devir humano instaurada por Marx. Lukács identifica o lugar genético dessa concepção, isto é, da superação do gênero mudo natural e o advento do gênero propriamente humano, precisamente na práxis que constitui o modo pelo qual se processa a “adaptação ativa” e a partir da qual se dá, de forma contraditória e desigual, a constituição processual do ser social. Em outros termos,

a base ontológica do salto [do gênero mudo para o gênero não-mais-mudo] foi a transformação da adaptação passiva do organismo ao ambiente em uma adaptação ativa, com o que a sociabilidade surge como nova maneira de generidade.⁵⁸

Nesse contexto, a individualidade não é entendida por Lukács como um dado humano originário, mas uma categoria que se constitui também historicamente, na base de uma “determinação recíproca” com a generidade, mas não é só isso. Trata-se de um processo extremamente lento, inclusive, das próprias relações sociais para que o problema da individualidade possa aparecer não só como um problema real, mas também universal. Ademais,

o desenvolvimento real da individualidade [...] é um processo muito complexo, cujo fundamento ontológico é formado pelos pores teleológicos da práxis com todas as suas circunstâncias, mas que não tem ele próprio, em absoluto, caráter teleológico.⁵⁹

Enfim, estamos diante de um processo que se desenrola tanto no sentido objetivo quanto subjetivo, ou seja,

devido à práxis, o homem que continua a se desenvolver em uma multilateralidade cada vez mais variada se encontra defronte à sociedade [...] com o que não apenas cresce a corporificação objetiva da generidade, tornando-se cada vez mais variada em muitos aspectos, mas ao mesmo tempo coloca múltiplas e diferenciadas exigências ao indivíduo humano nela praticamente ativo.⁶⁰

⁵⁷ Ver parte 2, p. 75.

⁵⁸ Ver parte 2, p. 79.

⁵⁹ Ver parte 2, p. 81.

⁶⁰ Ver parte 2, p. 82.

Vale dizer, num dado ponto da sociabilidade há uma multiplicidade quase infinita de decisões alternativas que o indivíduo singular da sociedade é obrigado a tomar, tendo em vista a diferenciação e a complexificação da sociedade no seu conjunto. Enfim, é importante ressaltar que, ao se debruçar sobre a convergência ou a divergência entre desenvolvimento social e individual, tudo indica que Lukács não concebe a formação dos indivíduos humanos como meros produtos mecânicos do gênero, caso contrário se apagariam os traços específicos do ser social e restaria apenas a relação natural muda entre espécie e seu exemplar. Ademais, o filósofo denuncia mais uma vez o equívoco idealista que insiste em conceber a genericidade não como expressão do *ser*, mas como determinação do pensamento, da ideia.

Vale ainda ressaltar que o combate às concepções deterministas e teleológicas da história, que constituem o pano de fundo da *Ontologia*, recebe nas páginas dos *Prolegômenos* uma relevância inédita. A importância dessa problemática se reflete no tratamento que Lukács confere às categorias modais da necessidade, da casualidade e da possibilidade. Se nas páginas da *Ontologia* esse tratamento encontrava-se restrito à discussão crítica da obra de Nicolai Hartmann, nos *Prolegômenos* tal temática ocupa um lugar destacado, recebendo uma análise mais pormenorizada, principalmente na discussão em torno da irreversibilidade.

Se tentarmos abordar a necessidade e a casualidade no âmbito do ser real, também precisaremos agora partir de nossa visão fundamental: o ser consiste de inter-relações infinitas de complexos processuais, de constituição interna heterogênea, que tanto no detalhe quanto nas totalidades – relativas – produzem processos concretos irreversíveis. Como demonstramos repetidamente, esses processos constituintes dos complexos só podem ser compreensíveis em sua legítima mobilidade, e por isso o resultado pode ser apenas uma probabilidade estatística – maior ou menor, segundo as circunstâncias. Para a práxis humana – incluindo ciência e técnica –, resulta assim que a alta probabilidade de um curso qualquer do processo deve ser tratada como necessária, sem ter de provocar erros práticos, pois os desvios da norma esperada ou estabelecida não são decisivos para a práxis.⁶¹

No contexto de *Para uma ontologia do ser social*, a categoria da irreversibilidade ganha destaque tão somente nas páginas iniciais do capítulo, o que já

⁶¹ Ver parte 3, p. 197-8.

não ocorre nos *Prolegômenos*, onde ocupa o *locus* central das discussões. Tomando por base a famosa afirmação marxiana de que “nós conhecemos apenas uma ciência, a ciência da história”, Lukács considera a historicidade como categoria fundamental dos seres da natureza (inorgânicos e orgânicos) e do ser social. Como característica central da historicidade, a irreversibilidade aparece definindo o conjunto dos processos naturais e sociais. Tomando como exemplo uma variedade de resultados provenientes da ciência, Lukács enfatiza incansavelmente esse caráter da história, demonstrando como a perspectiva “necessitarista” da história ou dos processos naturais é desprovida de fundamento. Lukács nos advertirá sobre a relevância da questão da probabilidade nas ciências atuais, demonstrando que a própria previsibilidade dos fenômenos naturais torna-se algo relativo. Mais uma vez a ênfase recai na crítica à visão “necessitarista” do cosmo ou da sociedade; é um combate direto a toda visão fechada, mecânica e sistemática da sociabilidade, da história e da natureza. Desse modo, a substância deve ser compreendida como processo de continuidade na descontinuidade, na medida em que Lukács a concebe como ponto de apoio central para a compreensão da historicidade, desempenhando inclusive papel fundamental no combate ao determinismo historicista.

A esse respeito vale também salientar que as considerações de Lukács acerca do pensamento de Engels sofrem modificações significativas. Em Engels, Lukács observa uma distorção quanto às determinações marxianas acerca da relação entre necessidade e casualidade, e uma deformação da relação entre universal e particular. Ademais, ele teria supervalorizado a força coercitiva da necessidade em detrimento da casualidade histórica, quando sobressalta as determinações econômicas na definição do curso do direcionamento histórico. Existiria, para Lukács, uma forte reminiscência hegeliana no pensamento de Engels, que valorizaria de modo excessivo a necessidade histórica, entendida como uma força impessoal que governa e estabelece a diretriz dos processos sociais. Muito embora procure em determinados momentos poupar diplomaticamente tal pensador, a análise de Lukács a seu respeito é enérgica e se radicaliza a ponto de considerá-lo responsável pela deformação do cerne ontológico do pensamento marxiano e que, precisamente por isso, seu pensamento teria aberto as portas para o surgimento do stalinismo.

Nos *Prolegômenos*, Lukács se distanciará de uma forma mais definitiva de Engels, abandonando inclusive a crítica que este dirige a Hegel – que na

Ontologia recebera adesão quase incondicional. Nos *Prolegômenos*, Lukács retoma a crítica de Marx à dialética hegeliana, que, se comparada à exposição desta na *Ontologia*, apresenta inovações importantes, colocadas sobre um novo patamar. Seria, entretanto, arriscado dizer que Lukács abandona a ideia (desenvolvida na *Ontologia*) da existência de uma falsa e de uma verdadeira ontologia no pensamento hegeliano.

Assim, apesar de seu caráter lacunar, com algumas passagens de difícil compreensão, os *Prolegômenos* – este verdadeiro “testamento filosófico” de Lukács – apresentam muitas questões novas ou não tratadas suficientemente na *Ontologia*. Além dos exemplos arrolados anteriormente, há um em particular que chama a nossa atenção: é quando o filósofo húngaro aponta para a inevitabilidade do “mercado mundial” e seu caráter essencialmente contraditório, que traz como consequência as bases para uma autêntica generidade – nas palavras do autor, traz desafios e obstáculos para a realização da mesma possibilidade, na medida em que se põe apenas no plano abstrato, no *modus vivendi* contemporâneo. Ou seja, com a mundialização dos mercados e a consequente ampliação do universo social estariam postas as condições para a emergência de uma generidade efetiva. No entanto, em função do caráter visceralmente contraditório desse processo, radicalmente excludente, tem-se apenas a dimensão abstrata do gênero e não sua efetividade autêntica.

Ester Vaisman e Ronaldo Vielmi Fortes
Belo Horizonte, julho de 2010